

Canal 1000... Futebol, Arte e Devaneio



Quando um aparelho de televisão era um objeto de luxo de pouquíssimos brasileiros, no interior do Brasil a aquisição era ainda mais difícil devido o preço e a dificuldade de as imagens chegarem, por causa do precário serviço de transmissão através das torres.

Para quem gostava de futebol e não tinha condições de ter uma televisão em casa, restava o rádio para ouvir as transmissões em ondas longas e médias. Então, quando eu queria ouvir um jogo do sudeste, recorria a rádio Globo ou a Nacional, nas quais me emocionava com a elegância de Valdir Amaral (Globo) fazendo da palavra uma maneira poética de dá sentido a tudo que estava relacionado ao jogo. Sua voz de um grave aveludado parece que habitava as pernas dos craques da época e nos levava na arte das jogadas e seu destino final, o gol.

Minha imaginação buscava na narração poética de Valdir Amaral a vibração do atleta que tinha feito o gol e as lágrimas de felicidade da torcida na geral. Outra emoção, feito uma espécie de furacão, era ouvir José Carlos Araújo na rádio Nacional narrando na “velocidade da luz” uma partida de futebol. Ele era tão energético na transmissão que, se o jogo fosse uma pelada em câmera lenta, parecia que estavam jogando Barcelona X Real Madri, nos anos de ouro de Messi e Cristiano Ronaldo.

Porém, eu nunca torci por nenhum clube de futebol fora de Pernambuco, Estado onde eu nasci. Além de torcer pelo Egipciense, time de São José do Egito que, tinha meu pai como um dos fundadores, eu também torcia (ainda torço) pelo Sport Clube de Recife.

Sem ter condições financeira, eu não tinha como ir ao Recife assistir o Sport jogando. Restava-me, colar o ouvido no rádio e ouvir a bela narração de Ivan Lima, com sua voz de barítono que, parecido com a de Valdir Amaral, dava elegância ao jogo, mesmo quando era uma partida de pouca emoção e com nível técnico baixo.

Minha primeira emoção visual em termos de assistir um jogo de futebol aconteceu na década dos 70, quando no Cine Teatro, de São José do Egito, de propriedade de Chico Silva, começou a exibir antes dos filmes as reportagens em curtas metragem do futebol no Sudeste, mais especificamente no Maracanã, altar sagrado do futebol carioca.

A primeira vez em que vi na tela panorâmica do Cine Teatro São José o resumo de uma partida de futebol no Maracanã, foi uma emoção que, nem Valdir Amaral, com toda poética e descrição detalhada seria capaz de narrar tudo que eu senti. As imagens em câmera lenta, transmitidas pelo Canal 100, fundado em 1957 por Carlos Niemeyer, tinha uma narrativa tensa, emocionante, com imagens captadas por Francisco Torturra e o fundo musical, *Na Cadência do Samba*, música composta em 1956 por Luiz Bandeira e gravada por Waldir Calmon. Toda essa equipe e a técnica formavam um lindo cenário do futebol, fazendo-me sentir dentro do Maracanã.

Não mais habitando a poética elegante de Valdir Amaral, mas, vivendo a minha própria experiência visual diante da tela panorâmica e de tudo que já citei antes, eu me sentia tomando pela estética do futebol transmitido de maneira artística, como uma poesia da arte futebolística. Era a época dos grandes craques entre os anos de 1975 e 1980. Então, em câmera lenta, um fundo musical belíssimo, uma narração dramática, emolduravam de forma brilhante as defesas de Cantarelli, o balé das jogadas de Zico, Roberto Dinamite, Rivelino, Adílio, Carlos Alberto Pitinho, Carlos Alberto Torres, Edinho, Dirceu, Junior, Claudio Adão, Zanata e outros craques, mostrado pelo Canal 100 e que despertavam emoções jamais sentidas por mim.

As jogadas artísticas me colocavam nos dos pés e me conduziam na bola até chegar ao gol, sentindo-me dentro da majestade do Maracanã através da enorme tela do cinema de seu Chico Silva. Era como se o Estádio fosse do tamanho do mundo. Tudo transbordava em mim, como se o rio Amazonas corresse nas minhas veias carregando uma caudalosa corrente de jogadas

mirabolantes, de defesas plásticas dos goleiros e de gols que eram verdadeiras obras de artes.

Outras cenas do Canal 100 que contribuía de maneira significativa com o espetáculo do futebol, era o show das Gerais.

No palco da torcida, olhos abotcados, quase pulando da cavidade orbitária, respiração ofegante, um rádio colado ao ouvido, a camisa do time, as vezes cheia de buracos, a boca escancarada, o grito sufocado, o suor escorrendo no rosto, a tensão do gol quase feito, o medo de levar um gol, a angústia para terminar ou não o jogo e a alegria final do gol, era o instante de felicidade que mostrava saltos, abraços e, em alguns torcedores, o sorriso tendo na boca somente um dente ou dois, revelando o êxtase das Gerais, onde ficava as pessoas de baixa condição financeira. Toda essa cenografia ou coreografia espontânea do Canal 100 que chegava até minha pessoa, ainda na idade adolescente, marcaram minha vida pelos caminhos imprevisíveis e artísticos do futebol.